

Quando a miséria só muda de endereço

Ex-invasores da Estrutural foram transferidos para o Riacho Fundo II e estão abandonados. Os moradores só gostam do sossego do local

Igor Germano
e Lauro Aires
Da equipe do **Correio**

Quando deixaram a invasão da Estrutural, muitos nem faziam idéia do que iam encontrar pela frente. Na última noite, era tão grande a ansiedade que famílias inteiras passaram a noite em claro, desmontando os barracos. Ao alvorecer do dia 16 de setembro estava tudo pronto para a remoção das primeiras pessoas selecionadas para ocupar uma área no Riacho Fundo II.

“Saí debaixo de bala cruzada”, disse à época o vigilante Isaías, 29 anos, ao chegar à *terra prometida*. Hoje, mais de 45 dias depois, Isaías continua inseguro em relação ao futuro e reclama da falta de infra-estrutura no assentamento. “A situação está péssima”, reclama. “Aqui (no Riacho Fundo II) é mais sossegado do que na Estrutural mas, até agora, só ouvimos promessas do governo. Não temos endereço, segurança, escola para as crianças, luz elétrica nem água.”

As reclamações do vigilante parecem ser as mesmas dos outros moradores. No total, 528 famílias foram transferidas para a área no Riacho Fundo II. Pessoas que deixaram a precariedade da invasão da Estrutural mas continuam vivendo nas mesmas condições de miséria. Aos poucos, na base do mutirão, os vizinhos vão se ajudando para amenizar o problema. Os que têm um dinheirinho guardado começam a comprar cimento para construir o piso dos barracos. Há pilhas de tijolos e areia em frente de algumas casas. Mas, até agora, a diferença em relação à invasão da Estrutural — onde não se podia construir casas de alvenaria — fica por aí.

ÁGUA NO TONEL

Como na Estrutural, os caminhões-pipa da Caesb passam pelas ruas de barro enchendo os tonéis coloridos deixados em frente das casas. As crianças, longe das escolas, brincam soltas nos quintais. Mulheres lavam roupa e, no final da tarde, jogam conversa fora, sentadas em tamboretos improvisados.

Os maridos chegam em casa com alguns trocados para garantir a sobrevivência. Quase todos estão desempregados e se viram fazendo bicos.

Ivanildes Maria Vanderlei, de 42 anos, mora com o marido, Manoel Vanderlei, de 59 anos, e quatro filhos no barraco. Os dois estão desempregados. “A vida aqui é melhor porque a gente dorme sossegado e não sente o mau cheiro do lixão”, conta Ivanildes. “O problema é que não temos luz e faltam ônibus para levar as crianças ao colégio.”

O pedreiro José Ferreira Filho, de 28 anos, deixou há duas semanas a invasão da Estrutural para ir morar no Riacho Fundo II. Está desempregado e tem uma mulher e dois filhos para sustentar. “Valeu à pena sair daquela bagunça”, diz José. Sua mulher, Teresa Maria Rodrigues, de 25 anos, passa o dia lavando roupa para ganhar alguns trocados. “A vida continua difícil”.

Com a ajuda dos vizinhos, o desempregado Divino de Souza Moraes, de 31 anos, começa a construir sua casinha de tijolos. “Aqui está pior do que a Estrutural”, opina. “Até agora ninguém tem documento nenhum do lote, nenhuma garantia de que vai poder continuar aqui”. O vizinho, Dânis Silva Martins, de 17 anos, ajuda Divino a cavar uma cisterna. “Está difícil sair desse buraco.”

“Muitos barracos estão vazios”, afirma outro morador, Jorge do Espírito Santo, de 44 anos. “Tem gente que ganhou lotes e está especulando”. Jorge reclama da falta de postos de saúde, e da ausência do comércio, que está proibido na área. Como na Estrutural, há problemas de abastecimento.

A presidente do Instituto de Desenvolvimento Habitacional (Idhab), Alexandra Reschke, afirma que é só uma questão de tempo para que as famílias transferidas recebam os documentos definitivos dos lotes.

“Assim que recebermos da Terracap os documentos de cada lote poderemos regularizar a situação dos moradores transferidos”. A fiscalização sobre os possíveis casos de especulação, segundo ela, está a cargo da Polícia Militar. “As três famílias que possuíam outro imóvel foram obrigadas a desocupar o terreno”, garante Alexandra.

Fotos: Adauto Cruz



Tereza Rodrigues, com a filha, passa o dia lavando roupa para defender uns trocados e começa a construir uma casinha de tijolo, com ajuda dos vizinhos

VIDA NA ESTRUTURAL

Enquanto os ex-moradores da invasão da Estrutural vão se adaptando como podem ao novo local de moradia, os que permaneceram na antiga área continuam enfrentando problemas de abastecimento. “Está faltando gás em várias casas”, reclamava ontem à tarde a desempregada Maria de Souza Santos, 48 anos, há dez meses na invasão.

Mas a falta de produtos, conforme argumenta o tenente Escobar (responsável pelo policiamento na ausência do xerife da invasão, major Wolney Rodrigues), é consequência normal do embargo decretado pelo governo. Está proibido

de a entrada de alimentos e bens de consumo para abastecer o comércio dentro da invasão. Ele diz que as famílias podem entrar com um ou dois botijões de gás. “O que não pode é uma Kombi cheia deles”, afirma.

O tenente Escobar explica que só passam produtos em pequena quantidade, necessários para o consumo de cada família. Materiais de construção e bebidas alcoólicas não podem entrar de jeito nenhum, qualquer que seja a quantidade.

A blitz na entrada da invasão, no entanto, só fiscaliza veículos. Moradores a pé não são fiscalizados.

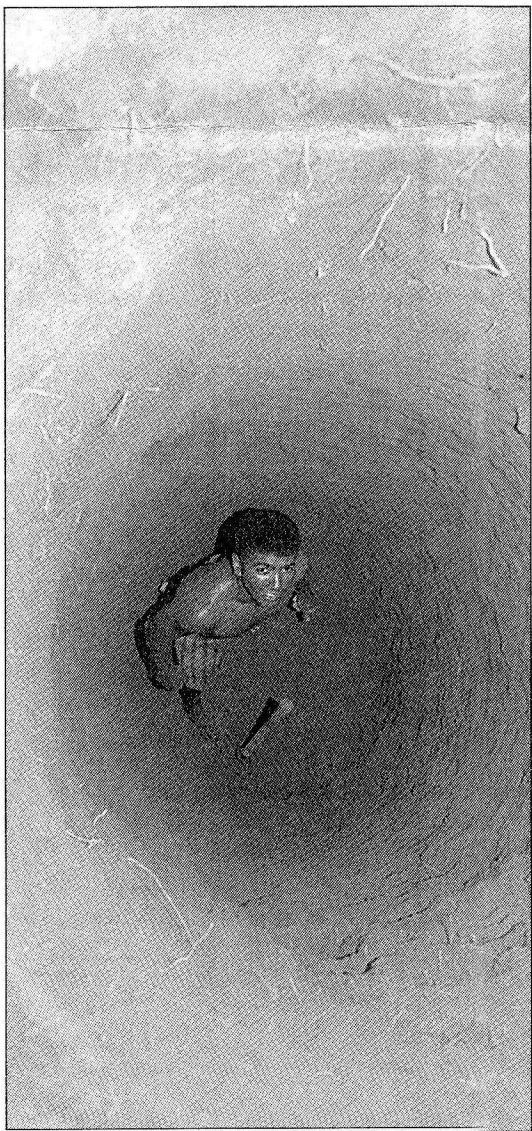
Isso explica a entrada clandestina de produtos, pelo chamado “transporte formiguinha”, onde as pessoas levam os produtos nas costas.

“Não dá para controlar tudo”, admite o tenente Escobar. Tanto que na última semana foram fechados três forrões, onde a bebida rolava solta. O álcool, aliás, é apontado pela polícia como principal causador de brigas e delitos dentro da invasão.

Os moradores parecem ter sucumbido ao embargo comercial do governo. Ontem, por exemplo, nenhum carregamento foi apreendido. Os 35 policiais que fazem plan-

tão na porta da invasão aproveitam então para fiscalizar as condições dos veículos que passam por lá, na maioria carros velhos, o que multiplica a lavra de multas. À noite, a barreira na entrada da Estrutural é suspensa e o policiamento passa a ser feito nas ruelas da invasão.

O major Wolney Rodrigues adianta que a remoção de famílias continua. Dessa vez, elas serão transferidas para a quadra 802 do Recanto das Emas. “Na segunda etapa da remoção, que começa até o final da semana, cerca de 500 famílias serão transferidas para o novo endereço.”



Dânis Martins, dentro de um poço que está cavando: “Está difícil sair do buraco”